

3. A Declaração de Quebec (1984) ¹

Apresentação (1995)

Mário Canova Moutinho

A compreensão e a contextualização da Declaração de Quebec devem ser procuradas e relacionadas com as propostas e as condições de realização do Ateliê Internacional Ecomuseus - Nova Museologia, que teve lugar em Quebec em outubro de 1984, durante o qual essa declaração veio a tomar forma.

Entre os objetivos prioritários do Ateliê devem ser mencionados a tentativa de criação de condições de intercâmbio entre as experiências de Ecomuseologia e, de modo geral, da Nova Museologia no mundo, e o esclarecimento das suas relações com a Museologia instituída em geral. Enfim, pretendia-se aprofundar e rever conceitos, encorajando ao mesmo tempo novas práticas museológicas.

Nesse sentido foram organizados grupos de trabalho ou sessões plenárias dedicados às técnicas e à filosofia da Museologia popular, questões de definição, situação atual dos projetos museais, novas experiências, sentidos da participação, descentralização e desenvolvimento. Dois outros grupos aprofundaram o conteúdo do projeto de Declaração de Quebec e estudaram as condições de desenvolvimento da colaboração internacional.

Desiludidos com a atitude segregadora do ICOM e em particular do Icofom, claramente manifestada na reunião de Londres de 1983, rejeitando liminarmente a própria existência de práticas museológicas não conformes ao quadro estrito da Museologia instituída, um grupo de museólogos propôs-se a reunir, de forma autônoma, representantes de práticas museológicas então em curso, para avaliar, conceitualizar e dar forma a uma organização alternativa para uma Museologia que se apresentava igualmente como uma Museologia alternativa.

Nesse mesmo ano de 1983, foi realizado um Ateliê no Ecomuseu de Haute Beauce, no Canadá, dedicado a Georges Henri Rivière, o qual deu início à preparação do ateliê e da Declaração de Quebec.

¹ Evento realizado em Quebec, Canadá, 1984.

Por oposição a uma Museologia de coleções, tomava forma uma Museologia de preocupações de caráter social.

Nesse sentido, a referência à Declaração de Santiago do Chile, sempre presente durante todo o Ateliê, é reveladora das implicações sociopolíticas do próprio Ateliê de Quebec.

Tratava-se de refletir e dar continuidade à reflexão de Santiago, mas também e talvez aqui esteja um dos aspectos mais importantes desse Ateliê, organizar o que se sentia ser um movimento simultâneo em numerosos países, mas no qual os diferentes intervenientes se encontravam, de certa forma, isolados entre si e, naturalmente, mais ainda em face dos poderes instituídos.

Da ideia vaga de novas formas de Museologia (museus comunitários, museus de vizinhança, ecomuseus etc.), o ateliê foi evoluindo para o reconhecimento de um movimento com uma amplitude que não podia mais deixar de ser tomada como uma realidade nova da Museologia.

Processo doloroso para uma parte dos participantes, os quais viam na Ecomuseologia a principal, se não a única, forma de Nova Museologia, por oposição a outra parte dos participantes, os quais pretendiam ver a ideia de Nova Museologia estendida a outras expressões museais.

Num documento de trabalho, então distribuído, eram apresentados alguns aspectos específicos de uma Nova Museologia.

A utilização de testemunhos materiais e imateriais deveria ter por objetivo dar conta, explicar e desenvolver experimentação, antes e senão apenas, de serem transformados em objetos passíveis de constituir coleções.

A investigação e a interpretação assumiriam toda a sua importância se voltadas para as questões de ordem social. Constituíam, por seu lado, preocupações essenciais da Nova Museologia, encaminhando soluções e identificando problemas.

O objetivo da Museologia deveria ser o desenvolvimento comunitário, promotor de postos de trabalho pela revitalização artesanal, agrícola e industrial.

O Museu saindo do edifício que tradicionalmente o abriga permitiria, em última análise, a sua inserção nos meios desfavorecidos e a disponibilidade de novo tipo de "coleções" particulares.

Essencial à Nova Museologia era a interdisciplinaridade que contrariava os saberes isolados e redutores, abrindo novos territórios à reflexão científica, empírica ou mesmo pragmática.

O público, nesta perspectiva, deixava de ter um lugar fundamental nesses novos museus, para dar lugar à ideia de colaborador, de utilizador ou de criador. Mais importante do que observar, a Nova Museologia propunha o ato de realizar, com suporte de reflexão e de intervenção. A ideia de trabalho coletivo integrava-se nesta atitude introduzindo a ideia de que a exposição museológica era, ou deveria ser, antes de tudo, um processo de formação permanente e não mais o objeto de contemplação.

As referências formais desta Museologia, naquele momento, apontavam para várias experiências museológicas em curso. Entre outras situações estiveram sempre presentes no Ateliê exemplos vindos dos mais variados lugares:

- O Museu Nacional do Níger, no qual se subordinavam as tarefas propriamente museológicas a um objetivo de primeira importância social – a construção de uma identidade nacional, provocando uma percepção própria da função dos museus, atitude igualmente válida para o Mali, a República dos Camarões e o Panamá.
- Os museus de vizinhança essencialmente vocacionados para a animação de bairros urbanos hispanófonos e negros das grandes cidades norte-americanas, onde se dava particular importância aos problemas do urbanismo, da identidade dos moradores e do seu bem-estar, preocupando-se com as questões de poluição, alojamento, reabilitação social e criação artística. O Anacostia Neighborhood Museum de Washington era uma referência fundamental.
- A renovação da Museologia mexicana, em certa medida próxima dos museus de vizinhança, no âmbito do projeto Casa del Museo, onde os objetivos se expressavam pela animação e discussão sobre questões da vida cotidiana, com forte implicação popular.
- Na Suécia, as exposições populares organizadas com o apoio ou por iniciativa da Riksställningar – onde a museografia,

particularmente cuidada mas utilizando materiais simples, é simultânea aos trabalhos de Sven Lindquist sobre a memória operária - renovaram o interesse pela criação e remodelação de museus de empresa e dos círculos de estudo e, de um modo mais vasto, provocaram um olhar novo sobre a sociedade sueca.

- Os museus de arqueologia industrial, que no Reino Unido se embasavam na capacidade das populações de se apropriarem dos métodos da arqueologia e da história local, organizando a restauração de espaços industriais e assegurando a sua animação e o acolhimento turístico.

Os ecomuseus, por seu lado, invocando especialmente o pensamento e a ação de Georges Henri Rivière e de Hugues de Varine, colocavam, entre outros, os problemas da territorialidade, da interdisciplinaridade e, como nos casos já referidos, da própria participação das populações como agentes e utilizadoras das programações ecomuseológicas com vistas ao desenvolvimento social do meio que lhes dá vida. A multiplicidade das formas que os ecomuseus haviam tomado alargava a ideia de ecomuseu e das suas diferentes potencialidades: reivindicação social, investigação e ligação com as universidades, identidade, consoante os meios e países em questão. Reconhecia-se já a existência de ecomuseus tradicionais e de ecomuseus de desenvolvimento.

O confronto dos aspectos específicos com os aspectos formais dessas museologias colocava, na verdade, a questão sobre a forma como em cada situação se resolviam ou não os problemas da interdisciplinaridade, da territorialidade e da participação popular. Como se ajustava a memória coletiva às diferentes formas dessa participação? Qual o lugar da perspectiva artística nesses processos?

Todo esse debate foi, ao longo do Ateliê, ilustrado por apresentações de práticas museológicas vindas dos mais variados países e pelo confronto com o trabalho do Ecomuseu de Haute Beauce, onde se revelavam, se não respostas, pelos menos tentativas de respostas às questões referidas.

Decididamente a Museologia deixava a cidade, o espaço urbano, para se revelar como fator de desenvolvimento e fonte de novas solidariedades. Os dados estavam lançados.

Algo começava a mudar, pois o ICOM recebia agora com interesse os projetos do já estruturado movimento, e era levado a reconhecer o sucesso em termos ideológicos e organizativos que tinha sido o Ateliê de Quebec. A partir de então, o diálogo com o ICOM tem sido uma realidade, correndo hoje em dia, e de forma regular, projetos comuns.

Para concluir, o que mais nos parece merecer realce na Declaração do Quebec não é de certa forma qualquer novidade conceitual no texto em si, pois desse ponto de vista ele retoma, com as devidas atualizações, o essencial da Declaração de Santiago, mas sim o fato de ter confrontado a comunidade museal com uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972, por práticas que revelavam uma Museologia ativa, aberta ao diálogo e dotada agora de uma forte estrutura internacional autónoma.

Essa mudança de atitudes foi, aliás, referida por Hugues de Varine no relatório de síntese da 16ª Conferência Geral do ICOM (Canadá, 1992):

Das reuniões dos comités internacionais tornou-se claro que existe uma forte corrente voltada para a abertura e para a inovação ... levando profissionais dos museus a agir de forma não tradicional e a aceitarem ser influenciados por conceitos multiculturais. A cooperação interdisciplinar que está emergindo no seio do ICOM, as pontes construídas entre várias disciplinas e projetos, e grupos como o Minom são indicações deste espírito de abertura.

Em resumo, a Declaração de Quebec, o Ateliê de 1984 e a criação do Minom devem ser entendidos como um todo coerente, que contribuiu desde então para o reconhecimento, no seio da Museologia, do direito à diferença.

Lisboa, 31 de março de 1995.

Algo começava a mudar, pois o ICOM recebia agora com interesse os projetos do já estruturado movimento, e era levado a reconhecer o sucesso em termos ideológicos e organizativos que tinha sido o Ateliê de Quebec. A partir de então, o diálogo com o ICOM tem sido uma realidade, correndo hoje em dia, e de forma regular, projetos comuns.

Para concluir, o que mais nos parece merecer realce na Declaração do Quebec não é de certa forma qualquer novidade conceitual no texto em si, pois desse ponto de vista ele retoma, com as devidas atualizações, o essencial da Declaração de Santiago, mas sim o fato de ter confrontado a comunidade museal com uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972, por práticas que revelavam uma Museologia ativa, aberta ao diálogo e dotada agora de uma forte estrutura internacional autónoma.

Essa mudança de atitudes foi, aliás, referida por Hugues de Varine no relatório de síntese da 16ª Conferência Geral do ICOM (Canadá, 1992):

Das reuniões dos comités internacionais tornou-se claro que existe uma forte corrente voltada para a abertura e para a inovação ... levando profissionais dos museus a agir de forma não tradicional e a aceitarem ser influenciados por conceitos multiculturais. A cooperação interdisciplinar que está emergindo no seio do ICOM, as pontes construídas entre várias disciplinas e projetos, e grupos como o Minom são indicações deste espírito de abertura.

Em resumo, a Declaração de Quebec, o Ateliê de 1984 e a criação do Minom devem ser entendidos como um todo coerente, que contribuiu desde então para o reconhecimento, no seio da Museologia, do direito à diferença.

Lisboa, 31 de março de 1995.